

DOSSIÊ - O CLÁSSICO E SUAS APROPRIAÇÕES NA TRADIÇÃO CRISTÃ

APRESENTAÇÃO

Organizadoras

Prof.^a Aldilene Marinho César Almeida Diniz^{*}

Prof.^a Tamara Quírico^{**}

Jesus de Nazaré, enquanto personagem da história, nasceu, viveu e morreu em uma província do Império Romano, mais precisamente, na Palestina romana. A figura do Cristo, por outro lado, é conformada longe dali, na própria capital imperial, na cidade de Roma. Assim, inspirada no Jesus histórico, a concepção do Cristo messiânico daria origem a uma nova religião que se desenvolveria e ganharia impulso, propriamente, no interior do Império.

Consequentemente, partindo de suas origens judaicas, o fruto desse encontro entre o nascente pensamento cristão e a cultura clássica foi o enfrentamento e as tensões oriundas desse choque de ideias, mas também as múltiplas relações e até mesmo, paulatinamente, a conjunção entre aspectos das matrizes pluriculturais da tradição clássica e a cultura cristã que rapidamente se fortalecia e se propagava. Por conseguinte, desse encontro surgiram pontos de convergência e de dispersão, de aproximações e distanciamentos, que a chamada para este dossiê, intitulado *O clássico e suas apropriações na tradição cristã*, se propôs a abordar.

* Doutora em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Curso de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e do Ensino Médio Técnico Integrado do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Orcid. 0000-0002-8308-8022. E-mail: aldicesar@gmail.com.

** Doutora em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora associada do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da UERJ, e do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da mesma universidade. Orcid 0000-0003-0024-4737. E-mail: tamara.quirico@uerj.br.

Partindo-se das escrituras canônicas do cristianismo, em especial da conhecida passagem “No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus” (Jo 1, 1), o historiador da arte alemão Hans Belting destacou que São Jerônimo, na virada do século IV para o V, ao traduzir o amplo conceito grego de *logos* para a palavra latina *verbum*, teria fundamentado a canonização dessa palavra para o cristianismo¹. Diante disso, a partir de então se teria fortalecido no seio da religião a ênfase no texto e no discurso, conforme ainda se percebe em diversas vertentes cristãs da contemporaneidade. Não obstante, recordamos que o texto escritural de São João Evangelista, descrevendo que “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1, 14), pressupõe nessa “carne” uma presença física palpável e, particularmente, visível: uma imagem.

Em consonância com essa concepção, a noção latina de *imago* – fundamental para a antropologia cristã – encontra sustentação no próprio texto bíblico, uma vez que o livro do *Gênesis* já afirmava que o homem fora feito à imagem e semelhança de Deus². Tais elementos manifestam como desde o princípio o cristianismo se constitui, basilaramente, como uma religião da palavra, mas também da imagem desde os seus primeiros séculos.

Como nos recorda o historiador da arte italiano Giulio Carlo Argan, a doutrina concebida no interior da cultura clássica com essa nova religião se inter-relacionaria profundamente, visto que

a atitude cristã para com o riquíssimo mundo imagístico da arte clássica é e, em essência, permanecerá sempre positiva. Não se podia evidentemente admitir que, antes da revelação cristã, a humanidade tivesse vivido, e com tanta sabedoria, sem a orientação de Deus e na sua

1 “La canonisation du mot s’est faite au moment où Saint Jérôme, Père de l’Église, a simplement et directement traduit par le mot latin *verbum* le grand concept grec de *logos* du premier verset de l’Évangile selon saint Jean”. BELTING, Hans. **La vraie image**. Croire aux images? Paris: Gallimard, 2007, p. 27.

2 “Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança (...)’” (Gn 1, 26).

completa ignorância: tinha-o, pois, conhecido indiretamente.³

Assim, a construção do ideário cristão se dá no meio da tradição clássica, plena de imagens materiais, cuja presença dialogava continuamente com o conceito da *imago* bíblica. É como consequência desse diálogo que no século VIII João Damasceno (675-749) pode – em meio à querela iconoclasta que grassava a parte oriental do Império – justificar e defender a presença de imagens nos edifícios cristãos. Para esse Doutor da Igreja, a *Encarnação do Cristo* teria autorizado tanto a representação tangível daquilo que, do contrário, seria tão somente invisível e imaterial, como também a veneração das imagens, por meio da qual poder-se-ia dirigir àquele que é representado⁴.

Desenvolvendo-se historicamente no coração do Império Romano, não surpreende que o cristianismo tenha progressivamente adotado a utilização de imagens em seus espaços, ritos e práticas, partindo do arcabouço das religiões e demais manifestações culturais pagãs para desenvolver seus próprios códigos visuais. Em vista disso, os estudos dedicados à tradição clássica ocidental tratam justamente da recepção dessa Antiguidade greco-romana pelas sociedades cristianizadas que as sucederam, e de como essa vasta e complexa herança cultural fora transformada, (re)interpretada e apropriada ao longo dos séculos seguintes.

A recepção dessa miríade de aspectos versa, desse modo, sobre textos e imagens em diversos suportes, sobre objetos, ideias, instituições, arquiteturas, rituais e práticas culturais diversas. Visando a apresentar

3 ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte italiana**, volume 1 (trad. W. De Katinsky). São Paulo: Cosac & Naify, p. 242.

4 “Deus, o incorpóreo, o infinito nunca foi retratado. Mas agora que Deus nasceu na carne e viveu entre os homens, faço uma imagem do Deus que pode ser visto. Não adoro a matéria, mas o Criador da matéria, que por minha causa tornou-se material e condescendeu habitar na matéria, que através da matéria realizou minha salvação. Não cessarei de venerar a matéria através da qual minha salvação foi realizada”. DAMASCENO, João. **Discurso apologético contra os que rejeitam as imagens sagradas** (c. 730). Cf. LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A pintura: textos essenciais**. Volume 2: a teologia da imagem e o estatuto da pintura, 2ª edição. São Paulo: 34, 2007, p. 26-46. Conferir se é o mesmo texto que está na citação e a página.

pesquisas recentes sobre esse tema, o presente dossiê reúne uma série de artigos que tratam de algumas das apropriações da tradição clássica pela cultura cristã dentro de um recorte espaço-temporal amplo, considerando tais contatos e suas referidas relações, influências e apropriações do imaginário clássico, partilhado socialmente, pela nova era cristianizada.

Em conformidade com essa proposta o artigo de Sarah Hollaender, intitulado *Old Iconography, New Meanings? The “Christianized” Roman Hunt Sarcophagus of Bera in San Sebastiano ad Catacumbas*, que abre o dossiê, problematiza a aquisição pelos cristãos da Antiguidade Tardia de sarcófagos que remetem ao tema da caça romana. Em seu texto, a autora discute, entre outros aspectos, sobre as ressignificações desses sarcófagos pela comunidade cristã local, apresentando uma discussão bastante original acerca das complexas interseções entre gênero, ideal de virtude e religião nesse contexto.

Na sequência, o trabalho de Nelson Pôrto Ribeiro, *O neoclássico na arquitetura batista capixaba ao longo da Primeira República*, analisa algumas das manifestações da arquitetura neoclássica como representativas do cristianismo reformado no Brasil – neste caso, da Igreja Batista – presente na cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, durante o referido período republicano brasileiro.

Posteriormente, o texto das autoras Luana M. Wedekin e Sandra Makowiecky, denominado *Pathosformel do luto: apropriação cristã das imagens pagãs de lamentação fúnebre*, reflete sobre a noção de *pathosformel* do luto a partir do pensamento de Aby Warburg, analisando em especial algumas das relações entre as imagens do mundo antigo e os temas cristãos da lamentação sob a cruz, da deposição e do sepultamento de Cristo em obras de artistas do Renascimento italiano.

Em continuidade, é a vez do estudo de Priscila Risi Pereira Barreto, *Migrações do Clássico: a geografia da arte em Aby Warburg*, que analisa parte dos estudos do historiador da arte alemão Aby Warburg (1866-1929), dedicado às apropriações da cultura clássica, em especial das suas imagens, no contexto do Renascimento italiano.

Figura: Stud. Class. Tradit.	Campinas, SP	v. 10	n. 1	pp. 1-5	Jan.-Jun. 2021
------------------------------	--------------	-------	------	---------	----------------

Por fim, apresenta-se o artigo de Christiane Meier, *O logotipo de Marko Ivan Rupnik para o Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, que trata da elaboração, pelo teólogo e artista esloveno Marko Ivan Rupnik, do logotipo oficial cristão romano contemporâneo, para os festejos de comemoração do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (2015-2016) a partir da reinterpretação da iconografia clássica do *Bom Pastor* pelo cristianismo.

Partindo da Antiguidade Tardia até o século XXI, os trabalhos aqui reunidos discutem questões diversas que ressaltam da assimilação à apropriação de padrões culturais clássicos e acabam por enfatizar a relevância da produção imagética cristã na sobrevivência e continuidade de diferentes manifestações estéticas da tradição clássica até a contemporaneidade. É com esta proposta que a *Revista Figura*, por intermédio deste dossiê, deseja despertar o interesse de seus leitores pelas questões tratadas neste volume e deseja a todos uma ótima leitura!

As organizadoras